

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O PROCESSO DE FALENCIA DA INDÚSTRIA
SALINEIRA E SUAS IMPLICAÇÕES NA
ECONOMIA MACAUENSE**

Wanderley, Aires de Moura

NATAL

2005

WANDERLEY ALVES DE MOURA

**O PROCESSO DE FALÊNCIA DA INDÚSTRIA
SALINEIRA E SUAS IMPLICAÇÕES NA
ECONOMIA MACAUENSE**

**Monografia apresentada na disciplina Pesquisa
Histórica II, do Curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob a orientação do professor Wicliffe de
Andrade Costa.**

**NATAL
2005**

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma me ajudaram. Principalmente ao meu pai Cícero Ferreira de Moura, a minha mãe Maria de Fátima Alves. Ambos, apesar de todas as dificuldades pelas quais passamos nunca deixaram de me incentivar. A eles agradeço tudo. Agradeço também a minha noiva, Majorie Pereira, pela força que me deu nesta fase de conclusão do curso. Por fim agradeço ao meu orientador Wicliffe de Andrade pela dedicação e pela atenção que dispensou ao meu trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1 - IMPLANTAÇÃO, PROSPERIDADE E INÍCIO DO DECLÍNIO DA INDÚSTRIA SALINEIRA.	
1.1 - Os primórdios da cidade.....	9
1.2 - Um breve histórico do sal.....	10
1.3 - As salinas artesanais.....	13
1.4 - A conjuntura nacional.....	14
1.5 - Desenvolvimento tecnológico.....	16
CAPÍTULO 2 - O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E A ECONOMIA SALINEIRA.	
2.1 - O pleno emprego.....	22
2.2 - A prosperidade do comércio no período áureo do sal.....	24
2.3 - O reflexo da mecanização das salinas na população e no comércio.....	24
CAPÍTULO 3 - A ATUAL SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA SALINEIRA.	
3.1 - As empresas restantes.....	31
3.2 - Dificuldades atuais da indústria salineira.....	38
3.3 - As perspectivas.....	43
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5 - BIBLIOGRAFIA.....	50

1 - INTRODUÇÃO

A história do sal em Macau se confunde com a história da própria cidade. Desde sua fundação em 1829, se percebeu a tendência daquela área para a extração do sal marinho. Sua costa banhada pelo Oceano Atlântico, seu clima predominantemente quente e seco, aliado à ação de ventos constantes, proporcionava uma combinação ímpar, favorável à produção do sal. Tais condições naturais logo despertaram os interesses de empresários nacionais e internacionais que viram no sal uma grande fonte de lucros.

Mas antes de continuar falando sobre o trabalho gostaria de citar Galeano (1998, p.14): *“Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital... Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos”*.¹

Esta frase nos fornece uma idéia de como tudo que existe nesse mundo é secundário quando comparado ao que se pode lucrar. Claro que esta não é uma idéia comum aos seres humanos, mas comum aos ferrenhos defensores do modo capitalista de viver.

A idéia formulada por Galeano pode ser vista na prática quando analisamos o processo de mecanização das salinas macauenses, ocorridas no início dos anos 70, do século passado. Ao fazer isto, veremos como as riquezas minerais da cidade serviram para disseminar o desemprego e conseqüentemente a pobreza pela cidade de Macau. Observaremos também, que grande parte dos trabalhadores foram colocados em segundo plano e que todas as atenções estavam voltadas ao desenvolvimento tecnológico, às máquinas e ao aumento da lucratividade.

O presente trabalho terá como finalidade principal conhecer a atual situação do setor salineiro do município de Macau, cidade localizada na

¹ GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

mesorregião Central Potiguar, cuja proximidade com o mar e o clima favorável lhe forneceu condições excepcionais para a produção do sal marinho.

No primeiro momento farei um breve histórico a respeito do sal, buscando compreender como ele era obtido, tanto nas salinas tradicionais quanto nas mecanizadas. Não falarei dos pormenores do processo produtivo. Além de existir excelentes colaborações, tratando do assunto, este não é o objetivo principal do presente trabalho. Tratarei ainda, do início da mecanização do setor, bem como os fatores que possibilitaram tal desenvolvimento no início da década de 1970. Para tanto, faz-se necessário entender o contexto do setor industrial brasileiro que naquele momento passava por grandes e profundas mudanças.

No segundo momento mostrarei como o desenvolvimento tecnológico do setor salineiro afetou a economia da cidade, após reduzir o número de salinas e conseqüentemente de empregos. Buscarei elucidar como a prosperidade do período anterior à mecanização foi sendo gradativamente substituída por um quadro generalizado de pobreza.

Veremos ainda como o dinheiro arrecadado pelo governo, na forma de impostos, serviram para fomentar empresas estrangeiras numa aliança maléfica para um grande número de trabalhadores do ramo salineiro.

Em seguida, perceberemos como as forças do capital agem no intuito de se multiplicar, aumentando consideravelmente o já enorme exército de reserva dos trabalhadores.

Eduardo Galeano, diz-nos que "a história do subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial... nossa riqueza gerou sempre nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros".² Ao estudar a estrutura do setor salineiro, em Macau, percebe-se algo semelhante ao descrito por Galeano. E não poderia ser diferente, pois esta é a lógica capitalista onde quer que ela se apresente. Não importa se é na África do Sul, com a exploração de diamantes, nos países Árabes, onde a riqueza de seu

² GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

solo só serve para alimentar a ganância de seus líderes e dos líderes de outros países, ou em Macau, cidade que apesar de possuir inúmeras riquezas como gás natural, petróleo e o sal, não vê esta riqueza ser distribuída entre seu povo.

Na verdade, o processo desencadeado nas salinas macauenses faz parte de um contexto maior. Em várias regiões do mundo, as riquezas de uma determinada região geram a pobreza do povo local.

Outro fator comum ao mundo capitalista no qual estamos inseridos é a substituição gradativa dos trabalhadores por máquinas. Tal substituição nos é apresentada como se esta fizesse parte de um processo natural do sistema. Mas não é desta forma, o modo capitalista se preocupa muito mais com o aumento da produção que com o desemprego. E a acumulação de capital é mais importante que o bem estar do resto da humanidade.

Na última parte tentarei mostrar, com os dados mais recentes, a atual situação das indústrias salineiras de Macau. Através de relatórios do Departamento Nacional de Produção Mineral, mostrarei como apesar do aumento da produção nos últimos anos o setor amarga uma séria retração econômica.

Ao final do mesmo relatarei as expectativas dos empresários do setor em relação ao futuro da produção salineira.

De início, precisaremos de algumas noções básicas, que muito ajudarão aos que tiveram pouco ou nenhum contato com o assunto.

O sal é considerado uma fonte renovável e inesgotável, que pode ser extraído, basicamente de duas fontes. Do mar através de inúmeros processos que serão posteriormente descritos, e de rochas. Neste caso ele é conhecido como sal-gema.

Várias são as utilidades do sal e para cada uma delas existe um tipo de sal específico. A forma básica do sal é o “Sal Grosso” que é utilizado basicamente como matéria-prima para a indústria química. Este tipo de sal é o mais comercializado fora do estado. O “Sal Moído” é o mais indicado para a indústria alimentícia, na salga, na conservação dos alimentos e na alimentação do gado.

Já o “Sal Refinado” é utilizado basicamente para o consumo humano, mas também pode ser utilizado para fins industriais. ³

De acordo com um relatório do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) dos 95% do sal que é produzido no país, 38% são destinados ao consumo humano, a indústria química consome outros 38% da produção. E o restante, 24%, é destinado à alimentação animal, a frigoríficos, curtumes ou têm outra utilização. ⁴

Agora que já sabemos qual o assunto que será abordado na presente monografia, resta somente indicar algumas siglas e seus respectivos significados, que invariavelmente encontraremos ao longo do texto.

ABERSAL - Associação Brasileira dos Extratores e Refinadores de Sal.

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral

FIERN - Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBRASAL - Instituto Brasileiro do Sal

SIESAL - Sindicato da Indústria de Extração de Sal.

SIMORSAL - Sindicato dos Moageiros e Refinadores de Sal do Rio Grande do Norte.

SECEX/DECEX - Secretaria de Comércio Exterior/Departamento de Operações de Comércio Exterior.

³ SALINOR. **Tipos de sal**. Disponível em: <<http://www.salinator.com.br>> Acessado em 14 set. 2005.

⁴ FERNANDES, Moacir Saraiva. **Plano de apoio ao desenvolvimento da cadeia produtiva do sal** – Termo de referência, Versão VIII. Para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Rio Grande do Norte – SENAI/Rio Grande do Norte, 1999.



CAPÍTULO I - O processo de mecanização da indústria salineira, desencadeado a partir da década de 1970.



1.1 - Os primórdios da cidade

Bem antes da existência da própria cidade de Macau, já havia relatos sobre extensos depósitos naturais de sal. O primeiro relato que se tem conhecimento a respeito das salinas no Rio Grande do Norte foi feito em 20 de agosto de 1605 por Jerônimo de Albuquerque (o provável fundador da Cidade do Natal), ao relatar o que viu durante incursões pelo interior do estado a seus filhos, Antônio e Matias. *"... umas salinas que estão corentas leguas daquy para a banda do norte não a cultivaram nem se fez benfeitorias nem a terra serve p cousa nenhuma mas que pera o sal que por sy cria..."*. Posteriormente, o Desembargador Luís Fernandes provou que tal descrição se referia às salinas de Macau.

Macau foi fundada pelo Capitão português Martins Ferreira e quatro de seus genros, José Joaquim Fernandes, Manoel José Fernandes, Manoel Antônio Fernandes, Antônio Joaquim de Souza, e ainda João Garcia Valadão e o brasileiro João da Horta. Todos habitavam a já desaparecida Ilha de Manoel Gonçalves (um local vizinho a atual cidade de Macau), que em 1825 foi invadida pelas águas do mar. A pequena ilha de Manoel Gonçalves era habitada por portugueses que já se dedicavam à exploração e ao comércio de sal. Os habitantes, fugindo da ilha inundada, decidiram se transferirem para um outro lugar, em 1829, escolhendo uma outra ilha localizada na foz do rio Assu-Piranhas, que lhes oferecia uma melhor condição de moradia. A nova terra recebeu o nome de Macau, que deriva da palavra chinesa AMANGAO, e significa abrigo ou porto de Ama, deusa dos navegantes.

Desde o início de sua fundação, seus habitantes dedicavam-se quase que inteiramente à exploração do sal. O mesmo era encontrado em abundância em salinas naturais. Sem a necessidade da ação humana, elas se formavam e eram exploradas manualmente. O sal se constitui na principal fonte de renda do município e ainda hoje ele é a base econômica da cidade, e assim o é desde o

tempo de Martins Ferreira.⁵ O sal foi um dos primeiros produtos a ser explorado comercialmente no Rio Grande do Norte. A exploração normal e extensiva das salinas data de 1802.

O povoado de Macau pertencia originalmente, ao município de Angicos, mas desmembrou-se deste através da Lei n.º. 158, de 02 de outubro de 1847. Em 09 de setembro de 1875 a Lei n.º. 761 elevou Macau à categoria de cidade e sede do município.

1.2 - Um breve histórico do sal

O sal desempenhou um papel muito importante ao longo da história da humanidade. Vemos ao estudar a História, que o sal já foi utilizado até como moeda. A própria etimologia da palavra “salário” testemunha a importância histórica do sal, uma vez que o sal era utilizado pelos antigos Romanos como parte do salário dos seus soldados. Um dos primeiros impostos criados no mundo foi exatamente a taxaço do sal, em 2200 a.C. pelo imperador chinês Hsia Yu. Muitos e muitos anos depois, na França, Charles D'Anjou taxou o sal para financiar a sua reconquista do Reino de Nápoles. Na França, do século XVIII, os súditos eram obrigados a comprarem, do rei, anualmente uma quantia fixa de sal. Esta quantia ajudou e muito a financiar as guerras empreendidas pela França. Aqueles que o detinham em maior quantidade, possuíam uma valiosa mercadoria.⁶

O sal é um elemento essencial à vida humana e animal, desempenhando funções importantes. O corpo humano em sua composição apresenta cerca de 100g de sal e estas são responsáveis pelo equilíbrio metabólico do corpo. Caso a quantidade de sal, em nosso organismo, seja insuficiente, os músculos, provavelmente deixarão de se contrair, o sangue não circulará de forma

⁵ **Histórico** – Prefeitura Municipal de Macau. Disponível em: <<http://www.macao.com.br>> Acessado em 10 jul. 2005.

⁶ LEGNOART. **Sal o Cristo rei**. Disponível em: <http://www.legnoart.it/ing7/> Acessado em 07 dez. 2005.

adequada, a digestão não acontecerá de forma correta e o desempenho do coração, certamente, ficará comprometida.

Além das necessidades vitais, o sal é também fundamental na conservação dos alimentos. Devido ao grande avanço tecnológico, hoje podemos conservar os alimentos por muito mais tempo em geladeiras, mas há alguns séculos atrás isto não era possível e o sal desempenhava o importante papel de conservar os mais variados alimentos. Há aproximadamente 4 mil anos, a salga já era um costume bastante difundido no Egito. Antes do século XIX, armazenar alimentos em bom estado não era das tarefas mais fáceis e era questão de sobrevivência. Para evitar que fungos e bactérias destruíssem rapidamente os alimentos, as carnes e a manteiga, por exemplo, eram salgadas. “Normalmente 1 kg de sal era usado para conservar 10 kg de manteiga”.⁷

No final do século XIX e início do século XX, além de ser usado como condimento, o sal começou a ser muito utilizado na indústria química, como uma das matérias-primas principais. Ele está presente em 104 dos mais de 150 produtos da indústria química e é “...juntamente com o petróleo, carvão, enxofre e calcário, uma das cinco matérias-primas básicas que condicionam direta ou indiretamente toda a indústria química mundial...”.⁸

Hoje, o seu emprego é extremamente variado. Utilizam-no na produção de cloro, soda cáustica, barrilha, ácido clorídrico, vidro, alumínio, plástico, têxteis, borracha, hidrogênio, celulose e outras centenas de produtos das indústrias químicas, metalúrgicas e de alimentos, entre outras.

1.2.1 - Condições favoráveis

A região na qual a cidade de Macau se localiza possui uma condição natural favorável para a exploração comercial do sal marinho.

⁷ SALINOR. **Curiosidades: histórico do sal.** Disponível em: <<http://www.salinor.com.br/historico>> Acessado em 14 set. 2005.

⁸ NOVOSAL. **Sobre o sal.** Disponível em: <http://www.novosal.com.br/sobre.php> Acessado em 08 dez. 2005.

Sua costa banhada pelo Oceano Atlântico, seu clima, predominantemente, quente e seco, aliado à ação de ventos constantes, proporcionavam uma combinação ímpar, favorável à produção do sal. Some-se a isso, o baixo índice de precipitação pluviométrica (cerca de 500 mm por ano), temperaturas elevadas, que aceleram a evaporação, a alta salinidade das águas, o terreno plano, abaixo do nível do mar, que favorece o bombeamento e ao aprisionamento das águas do mar e teremos todas as condições favoráveis à produção em larga escala de sal marinho. ⁹

As condições geológicas e climáticas oferecem, como vimos, um sal natural de excepcional qualidade, pureza e brancura. E a um custo muito baixo.

Tais condições naturais logo despertaram os interesses de empresários nacionais e internacionais que viram no sal, um mineral de fonte renovável e considerada inesgotável, uma grande oportunidade de lucro.

1.2.2 - Como se produz o sal marinho

Não foi preciso muito investimento para explorar o sal, inicialmente. Todas as condições estavam ali reunidas bastava utilizá-las de forma correta.

Em linhas gerais, a produção do sal começa quando a água do mar é captada através de bombas para dentro dos evaporadores, grandes tanques que medem entre 400 e 800m² e têm de 0,5m a 1m de profundidade. Posteriormente a água é novamente bombeada, só que desta vez para os cristalizadores, onde começa a haver precipitação dos cristais de sal, formando crostas de sal cuja espessura varia de 2cm a 15cm. Após a secagem dos cristalizadores é que começa a colheita do cloreto de sódio. E nesta fase, como sabemos, entra em cena a maior parte dos trabalhadores das salinas. O passo seguinte é a lavagem do sal para retirar as últimas impurezas. A última etapa é conhecida como estocagem. Nesta o sal passa por um processo chamado de "cura", para reduzir a umidade e a presença de eventuais resíduos de outros

⁹ SALINOR. **Curiosidades: histórico do sal.** Disponível em: <<http://www.salinator.com.br>> Acessado em 14 set. 2005.

sais que possam comprometer a qualidade do produto. Ao final tem-se o sal grosso.

A atividade salineira, como se sabe, é sazonal. Os meses mais quentes do ano são os melhores para a produção do sal marinho. No inverno a produção tende a ser prejudicada, pois o clima chuvoso inviabiliza a evaporação da água do mar e conseqüentemente a precipitação das partículas de sal. Por isso a colheita é feita preferencialmente entre os meses de setembro e fevereiro, devido a grande incidência solar, característica deste período.

1.3 - As salinas artesanais

Desde o início do século XIX, quando se começou a explorar o sal de forma mais intensa, até a década de 1960, poucos foram os avanços tecnológicos empregados na produção salineira.

A água, que hoje se capta através de bombas elétricas, era captada graças à força eólica, que era aproveitada para mover enormes moinhos e assim levar a água do mar à salina.

Os evaporadores de hoje são semelhantes aos de antigamente assim como os cristalizadores. Eles diferem basicamente na quantidade de trabalhadores que são utilizados nos dois processos.

Nas salinas tradicionais o sal era coletado de forma manual. As crostas de sal das quais falei no tópico passado eram quebradas a golpes de chibancas e posteriormente transportadas para a lavagem e de lá para secagem em carros de mão ou em grandes balaies, enchidos com a ajuda de pás de ferro ou madeira. Inúmeros trabalhadores ficavam responsáveis por esta colheita e pelo transporte do sal, dentro da salina.

O transporte do sal para fora das salinas era feito pelas vias rodoviárias e fluviais, assim como ainda hoje. Quaisquer que fosse o modo empregado para retirar o sal, utilizava-se grande número de trabalhadores, já que tudo era feito de forma manual. O sal era carregado em balaies e carros de mão até os caminhões ou navios, na época pequenas barcaças com capacidade para

apenas 10 toneladas ou em alvarengas, navios um pouco maiores com capacidade para transportar até 60 toneladas.

Tanto o sistema produtivo quanto o sistema de transporte do sal tinham como características básicas o emprego de vasta mão-de-obra e a utilização de técnicas consideradas arcaicas hoje em dia. Além de demandar uma grande quantidade de recursos financeiros por parte de seus proprietários.

1.4 - A conjuntura nacional

O desenvolvimento tecnológico ocorrido nas salinas macauenses na década de 1970 faz parte das diretrizes traçadas pelo governo federal para desenvolver o parque industrial brasileiro, bem antes daquele período.

A partir do governo de Juscelino Kubitschek, que teve seu governo marcado pelo desenvolvimentismo, a industrialização brasileira tomou novos rumos. JK criou o GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste) que tinha como proposta principal promover o desenvolvimento da região. Em documento preparado por este grupo, foi proposto uma estratégia de desenvolvimento regional, que dava prioridade à industrialização. O desenvolvimento se daria através da intensificação dos investimentos para a implantação e melhoria setor industrial.

Devido ao pouco desenvolvimento desta região reconhecida nacionalmente como uma região pobre e de cunho agrícola, esta era a única alternativa para o desenvolvimento da região.

A política implantada pelo governo baseava-se no plano de metas, elaborado pelo próprio JK. Este plano, dentre outras coisas, implementou a instrução 113 da SUMOC (Superintendência da Moeda e do Crédito) que assegurava às empresas estrangeiras, a possibilidade de importar máquinas e equipamentos, sem pagar imposto algum. Era sem dúvida um tratamento diferenciado dado, principalmente, ao capital estrangeiro.

Os governos militares deram de certa forma, continuidade ao desenvolvimentismo tecnológico iniciado por JK. O período entre 1968 e 1974 o

Brasil conheceu o chamado "milagre econômico". Nesta época o desenvolvimento industrial brasileiro intensificou-se e diversificou-se. Os governos militares, da época, estavam dispostos a fazer do Brasil uma "potência emergente" e para isso foi investido uma grande quantidade de recursos em infra-estrutura (rodovias, ferrovias, telecomunicações, portos, usinas hidrelétricas, usinas nucleares), nas indústrias de base e na de transformação (papel, cimento, alumínio, produtos químicos, fertilizantes), dentre outras.

A entrada do capital estrangeiro foi utilizada para fomentar parte de determinados setores da indústria, para os quais parecia insuficiente a capacidade nacional.

O próprio governo federal financiou grande parte do capital que fora empregado na melhoria tecnológica do parque salineiro de Macau.

Devido aos enormes incentivos governamentais, a indústria química foi uma das que mais cresceram e se desenvolveram no Centro-Sul do país neste período. Os estímulos vindos do crescimento da indústria química logo beneficiariam também, o setor salineiro.

A indústria química passou a ter no sal uma importante matéria-prima, forçando a indústria salineira nacional a produzir numa escala maior.

Todo o capital da indústria salineira, antes de 1970, era nacional. Mas a partir de 1970 o capital estrangeiro foi empregado no setor e as maiores salinas foram formadas.

O grande apoio do governo brasileiro às empresas multinacionais logo surtiu efeito. De imediato, várias salinas menores passaram para o controle estrangeiro.

Durante muito tempo o esforço da industrialização teria como objetivo reduzir o desemprego. Este era o discurso do governo, entretanto, não foi o que se viu nas salinas macauenses.

1.5 - Desenvolvimento tecnológico

Empresa eficiente é aquela que produz muito com poucos recursos financeiros. É aquela capaz de gerar resultados rápidos, ou seja, lucros, para os proprietários.

Esta mentalidade está implícita no capitalismo e não é possível dissociar um do outro. O mercado, esta sombra que paira no mundo capitalista, diz que para uma empresa crescer e permanecer no mercado ela deve otimizar a produção e cortar gastos. Ou, de outra forma, não sobreviverá.

Era esta mentalidade que estava presente na época da expansão produtiva do sal no Rio Grande do Norte, no início dos anos de 1970.

1.5.1 - A demanda interna

Com o grande desenvolvimento da indústria química, várias outras indústrias ligadas ao setor tiveram que se desenvolver. O parque salineiro, como não poderia deixar de ser, também passou por inúmeras mudanças tecnológicas.

Como já foi dito neste trabalho, o sal é matéria-prima para a maior parte dos 150 produtos produzidos pela indústria química nacional. O sistema tradicional de produção do sal era de fato muito ineficiente e dificilmente conseguiria suprir de matéria-prima as indústrias químicas do Centro-Sul do país. Era, portanto, necessário o rápido desenvolvimento da Indústria Salineira.

1.5.2 - A entrada do capital externo e o financiamento público

Os donos das salinas, pressionados e sem recursos para implementar a mecanização necessária, viram-se obrigados a passar o controle de seus empreendimentos ao capital externo. Esta transferência de deus de forma rápida, tanto que no começo da década de 1970 já estava consolidada. O grupo AKZO ZOULT CHEMIE, holandês, adquiriu a Companhia e Comércio que

posteriormente se chamou CIRNE, a maior do estado. O grupo NORA LAGE, italiano, assumiu o controle da Henrique Lage. Estes grupos adquiriram as melhores áreas salineiras e intensificaram a penetração da tecnologia, passando praticamente a deter o monopólio da produção de sal no estado e conseqüentemente no país.

Os dois grupos estrangeiros que se fixaram em Macau, no início dos anos 70, absorveram de acordo com COSTA (1985, p.53) ¹⁰, 41 das 93 empresas existentes. O restante foi agrupado por empresas nacionais.

Neste processo de desnacionalização, o Estado brasileiro teve um papel importante através da SUDENE. Segundo SOUSA (1988, p.119) "todas estas empresas se utilizaram de recursos da SUDENE. A própria SUDENE facilitou a vinda destas empresas e as incentivou quando retirou de seu II Plano Diretor a restrição de utilização pelas empresas de capital estrangeiro do mecanismo de dedução fiscal, antes só permitida a empresas com capital 100% nacional. Os incentivos fiscais conhecidos como 34/18 facilitaram os investimentos internacionais nas salinas potiguares". ¹¹

Para se ter uma idéia de como estas empresas estrangeiras foram ajudadas, o governo federal entrou com quase 75% dos recursos necessários à implantação dos projetos de mecanização das salinas, concentrando a economia local nas mãos de grandes grupos estrangeiros. Isto acarretou no desaparecimento de inúmeras empresas de pequeno porte que não tiveram acesso aos recursos da SUDENE, e não dispunham de condições para concorrer com os novos e poderosos rivais, que haviam sido financiados com dinheiro do povo brasileiro.

As pequenas empresas tiveram fins distintos. Algumas foram logo compradas. Outras deixaram de se dedicar ao ramo salineiro, passando a se dedicar a Carcinicultura. Mas houve aqueles empresários persistentes que, embora não dispusessem de recursos para mecanizar suas indústrias,

¹⁰ COSTA, Ademir Araújo da. **Tecnologia e desemprego: o caso da região salineira de Macau/RN**. Natal: CCHLA/UFRN, 1993.

¹¹ SOUSA, Itamar de. **O sal potiguar na República Velha (1889-1930)**. Revista Terra e Sal. Natal: Ed. Universitária - UFRN, v.3, n. 6, 1985.

permaneceram no ramo. Contudo, hoje, pelo menos na cidade de Macau, elas já não existem.

1.5.3 - Redução de custos e aumento da lucratividade

Numa mesma faixa de terra a salina mecanizada produzia duas vezes e meia mais que a tradicional. Reduzir custos e aumentar a lucratividade é um princípio básico da lógica capitalista. Com o sistema tradicional da produção salineira este preceito não era de forma alguma atendido. Tradição até rima com mecanização, mas sistema capitalista no qual o mundo está inserido, ficam impossibilitadas de conviverem juntas.

Nas salinas tidas como tradicionais, a mão-de-obra era empregada em abundância. Cerca de dez mil trabalhadores eram absorvidos pelas empresas salineiras no final da década de 60. Este era um número bastante considerável para a época e para o município que, segundo o IBGE, tinha na época apenas 18.832 habitantes. Outros 1.500 (mil e quinhentos) trabalhadores estavam ligados ao setor de transporte. De acordo com SANTOS (1992, p.21), 65% da população economicamente ativa, da cidade, antes do processo de mecanização, estava ligada diretamente ao setor salineiro.¹²

Os métodos utilizados para se extrair o sal não eram dos mais eficientes, pois quase tudo era feito de forma manual. Os equipamentos ainda eram pás, enxadas e carros de mão e a produção estava muito aquém dos parâmetros impostos pela cartilha capitalista.

Os custos gerados pelo emprego de métodos tradicionais eram muito elevados para os proprietários das salinas. A produção era considerada pequena e o grande número de funcionários onerava ainda mais a produção.

A substituição do homem pela máquina foi inevitável. Milhares de homens foram deixados de lado, enquanto as máquinas ocupavam seus espaços nas salinas. A produção logo aumentou, assim como as margens de lucro dos

¹² SANTOS, Antônio Lemos dos. **A importância do sal para o município de Macau no período de 1972-1992**. Natal: CCHLA/UFRN, 1992.

empresários. Com um número reduzido de funcionários pode-se investir mais na ampliação e no melhoramento tecnológico das salinas. Muitas das pequenas e médias salinas foram logo incorporadas às grandes empresas. O número de salinas reduziu-se, e a tendência das que não seguiram o processo em curso foi fecharem as portas ou serem compradas pelas maiores.

1.5.4 - A modernização

Como já foi dito, até poucas décadas atrás a produção salineira era estritamente braçal, o homem era o centro de toda a cadeia produtiva e sem ele, aliás, sem milhares deles, a extração comercial do sal marinho ficaria comprometida. Tal afirmação era verdadeira até o final da década de 1960. Mas no início dos anos 70 a lógica mudou radicalmente

Ao analisar o processo de mecanização do parque salineiro de Macau, observa-se que este iniciou no final da década de 60 e se efetivou na década de 1970. Até então, utilizavam-se técnicas bem rudimentares na extração do sal. O carro de mão, a pá, a enxada e a chibanca era o que havia de mais moderno para a colheita do sal. O sistema de transporte também era considerado deficitário, pois ainda demandava uma grande quantidade de mão-de-obra e os custos eram elevados.

A máquina transformou radicalmente o modo de produção. E passou a ser o principal instrumento da salina, substituindo praticamente todos os equipamentos manuais e o trabalho braçal.

De acordo com SANTOS (1992, p.24), a chibanca que servia para quebrar as crostas de sal logo foram substituídas pelas colheitadeiras mecânicas. O carro-de-mão, que transportava junto com os balaios todo o sal dentro da salina, logo perdeu espaço para as quilométricas esteiras (algumas medem mais de 2 km) automáticas. ¹³ Assim todo o processo manual foi gradativamente substituído pelo uso intensivo das máquinas

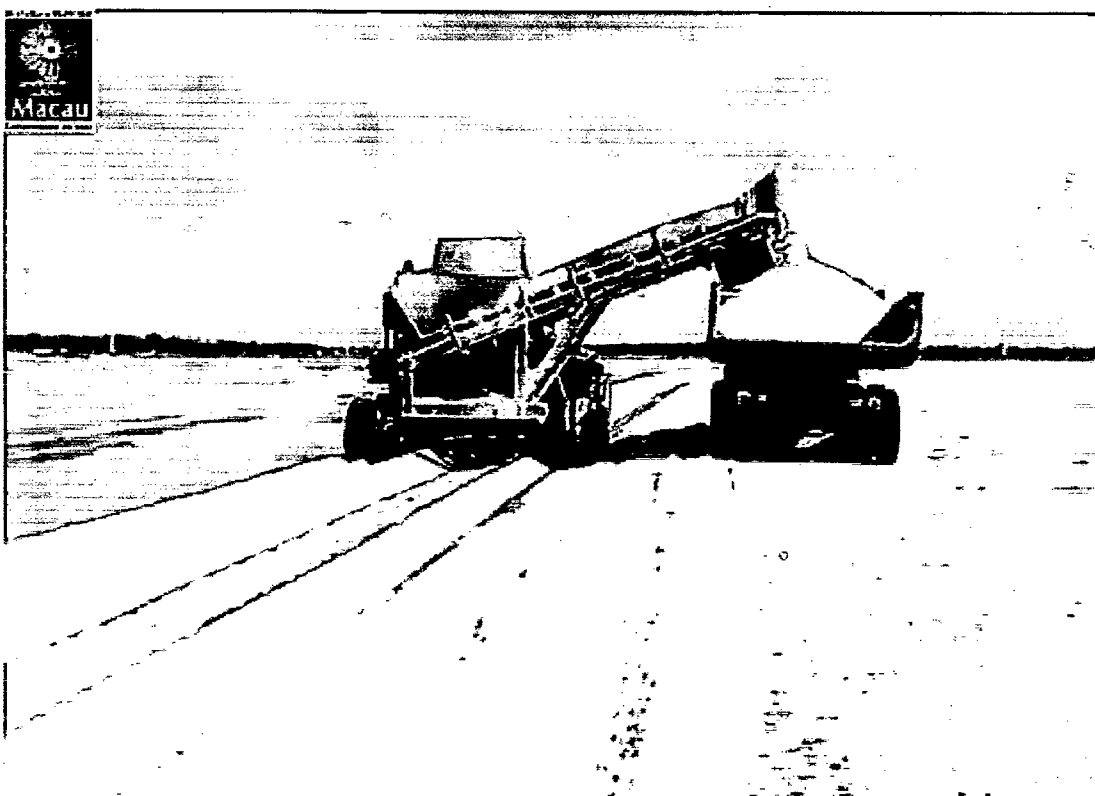
¹³ SANTOS, Antônio Lemos dos. **A importância do sal para o município de Macau no período de 1972-1992**. Natal, 1992.

A salina tradicional requeria muitos trabalhadores. Eram mais de 10 mil em todo o estado, em Macau eram mais de 5 mil.

Tantas e significativas mudanças ocorreram em um pequeno espaço de tempo de mais ou menos seis anos. Suas conseqüências, não observadas na época, refletem negativamente, até hoje no município.



Capítulo II - O desenvolvimento tecnológico e a economia salineira



2 - O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E A ECONOMIA SALINEIRA.

Sempre que se introduzem novos mecanismos no setor produtivo, este é colocado com o intuito de beneficiar o capital de alguns poucos em detrimento a miséria de muitos. Os critérios são em sua maioria técnicos e não se leva jamais, em consideração, o lado social.

Em Macau a mecanização das salinas serviu para resolver o problema de alguns poucos, os industriais, e para explorar uma imensa maioria que só consegue se preocupar em arranjar um emprego qualquer ou manter o seu medíocre emprego, sobrevivendo com as migalhas que o grande capital produtivo lhe joga de vez em quando.

A modernização gerou uma crise sem precedentes em Macau, cujos efeitos são vistos até hoje. Macau começou a sofrer um processo de decadência econômica. A pobreza se alastrou, pois os postos de trabalho foram severamente reduzidos e o dinheiro deixou de circular em grande quantidade. Foi uma época de quebraadeira generalizada das empresas comerciais da cidade.

Nem o governo nem a população local estavam preparados para absorver a maléfica herança deixada pelo desenvolvimento tecnológico das salinas. Não havia políticas públicas para remediar a situação, nem tampouco alternativas econômicas..

2.1 - O pleno emprego

Tal conceito foi formulado em Estados socialistas, “como parte de uma estratégia para atingir uma rápida industrialização e lançar as bases de uma sociedade socialista”.¹⁴

De acordo com as teorias do mais importante economista da primeira metade do século XX, John Maynard Keynes, “a intervenção estatal na vida

¹⁴ MELO, Leonardo. **Um breve histórico do desemprego**. Disponível em: <<http://www.solavanco.com/artigos/artigo14.html>> Acessado em 01 out. 2005.

econômica, conduziria a um regime de pleno emprego". Esta intervenção se daria através de incentivos governamentais para a o capital externo, como se este fosse à redenção para mercados não desenvolvidos economicamente. Acreditava ainda, que desemprego seria uma situação temporária, que desapareceria graças às forças do mercado.¹⁵ Mas infelizmente sua teoria estava errada ou na melhor das hipóteses não se obteve os resultados esperados nas salinas macauenses. Ao contrário do que pensava Keynes, o pleno emprego é que teria ciclos curtos, enquanto o desemprego se apresentaria por longos períodos. E foi justamente isso que aconteceu em Macau.

O que se viu foi que, apesar da generosa contribuição do governo estadual e federal, as melhorias, tão apregoadas pelo discurso do progresso tecnológico, não alcançaram os trabalhadores das salinas.

Como já foi dito, antes do período de grande modernização das salinas 65% da PEA da cidade estava empregada diretamente no setor salineiro, o restante possuía empregos públicos ou estavam trabalhando no comércio.

Com tantos postos de trabalho disponíveis, era natural que a cidade tornasse referência na região. Inúmeras pessoas de cidades vizinhas como Pendências e Alto do Rodrigues trabalhavam periodicamente nas salinas de Macau, retornando a seus respectivos municípios nos finais de semana. Isto só ajudava a fomentar ainda mais o já desenvolvido comércio local

Apesar de tantos empregos, a remuneração não era tão boa. Em geral pagava-se pouco. A maior parte dos trabalhadores das salinas tinha um baixo salário. Só os que trabalhavam no transporte do sal, principalmente os trabalhadores das barçaças, tinham melhores salários. Exageros à parte, ouvi, em conversas cotidianas com ex-funcionários, que um barçaçeiro ganhava melhor que um gerente do Banco do Brasil, que já foi um dos melhores empregos, pelo menos no interior do estado.

¹⁵ ECONOMIABR. **Teoria keynesiana**. Disponível em: <http://www.economiabr.net/teoria_escolas/teoria_keynesiana.html> Acessado em 07 dez. 2005.

Embora os salários, em geral, não fossem tão bons, serviram muito para desenvolver o comércio local.

2.2 - A prosperidade do comércio no período áureo do sal

A principal riqueza do município gerava milhares de empregos. Outras centenas eram gerados nos demais setores da economia local. O que resultava num comércio muito desenvolvido. Para se ter uma idéia, segundo o IBGE, no ano de 1970, Macau contava com cerca de 18.000 mil habitantes, e possuía uma loja de revenda de carros novos. Hoje Macau, de acordo com o censo do ano 2000 realizado pelo IBGE, possui 25.000 habitantes e não possui nem uma revendedora de motos.

As empresas salineiras possuíam os chamados feitores, pessoas que ficavam encarregados, dentre outras coisas, pela compra de mantimentos para os barracões das salinas. Estes barracões eram abastecidos com todo tipo de mercadoria, as quais, os trabalhadores tinham acesso, mediante pagamento no final do mês, que seria descontado em folha. Ora, todo este mantimento era adquirido no comércio local e a renda permanecia dentro do próprio município. Posteriormente os barracões foram extintos e as empresas passaram a fornecer a seus funcionários enormes cestas básicas, mas mesmo assim o responsável pelo suprimento destas cestas era o comércio local. Isto gerava uma enorme receita para a cidade.

2.3 - O reflexo da mecanização das salinas na população e no comércio

Farei agora, algumas considerações em relação às mudanças ocorridas na sociedade e no comércio local após a introdução de melhorias técnicas no processo de extração do sal.

Na sociedade capitalista, a modernização tecnológica é regra. Assim como a proliferação do desemprego e conseqüentemente da pobreza. O capital se multiplica na mesma proporção da pobreza.

No discurso governamental da época, com o advento das novas tecnologias, as riquezas seriam multiplicadas (e foram, só que para o deleite de alguns poucos) e a pobreza erradicada paulatinamente. Este é o discurso difundido pelo grande capital internacional, aonde quer que ele aporte.

Desse modo o progresso logo bateria à porta de todos. Mas não foi bem isso que ocorreu. Até hoje este discurso é utilizado e difundido, a fim de atenuar quaisquer reações por parte dos trabalhadores.

Na mesma proporção que as indústrias se mecanizavam e os rendimentos financeiros cresciam, o desemprego também se alastrava pela região. Esta foi a consequência mais devastadora deixada de herança por essa “revolução tecnológica” ocorrida a partir dos anos de 1970.

Com um reduzidíssimo número de trabalhadores era óbvio que o comércio local também sofreria. De acordo com o depoimento de pessoas com as quais conversei, como seu Toinho e seu Nivaldo, ambos ex-trabalhadores de salina e ex-comerciantes, muitas casas comerciais fecharam as portas. A economia ficou estagnada, pois, sem o dinheiro que circulava proveniente das indústrias salineiras, o comércio viveu muito tempo só do dinheiro pago pela INPS. Ou seja, resumia-se ao dinheiro dos aposentados e de alguns poucos funcionários públicos. Dinheiro que circulava, basicamente, nos primeiros dias do mês. Nos demais, o comércio amargava dias difíceis com vendas cada vez mais escassas.

2.3.1 - Redução do número de salinas

Com base no ilusório discurso levado a cabo pelo capital estrangeiro e por benevolentes medidas governamentais, o controle das melhores terras, para a produção de sal, foi transferido às empresas multinacionais.

Só o grupo holandês AKZO ZOULT CHEMIE, adquiriu além da maior salina do estado, a Companhia e Comércio, outras 25, entre pequenas e médias salinas. A SOSAL, de capital americano, adquiriu outras 11 empresas. E o grupo italiano, NORA LAGE abocanhava outras 4.

De uma só tacada, quase metade das 93 empresas localizadas na região de Macau passou para o controle externo. Posteriormente, boa parte das empresas que não foram compradas no início do processo de substituição do capital nacional pelo estrangeiro, passou ao controle das multinacionais.

As grandes empresas do setor foram compradas e modernizadas pelo capital estrangeiro. As demais, que não subiram no “bonde do progresso”, tiveram os mais diversos fins: alguns proprietários mudaram de ramo, outros se esforçaram duramente para manter funcionando suas empresas. Mas pouco podiam fazer. Sem recursos financeiros, não podiam competir em preço nem em tecnologia com as grandes empresas e tiveram que fechar as portas, anos mais tarde.

2.3.2 - Redução do número de empregos

O desemprego nunca foi problema nas sociedades baseadas na caça e coleta: em sociedades tribais, o desempenho das atividades de subsistência requer relativamente pouco tempo, não proporciona status ou remuneração especial e não é encarado como uma esfera isolada da vida. Somente nas sociedades baseada no trabalho remunerado, como a nossa, o desemprego assume o significado social, econômico e político que tem hoje. ¹⁶

Nas sociedades denominadas por alguns de primitivas, o desemprego podia até não ser um grande problema social, mas infelizmente em nossa sociedade ele se constitui num dos principais problemas das sociedades globalizadas.

Como afirma RIFKIN (1995, p.2) “estamos entrando em uma nova fase na história do mundo – em que cada vez menos trabalhadores serão necessários para produzir bens e serviços para a população global”. ¹⁷

Aos poucos, o trabalho de muitos homens está sendo gradativamente substituído por máquinas, agravando enormemente o desemprego. Nas

¹⁶ MELO, Leonardo. **Um breve histórico do desemprego**. Disponível em:

<<http://www.solavanco.com/artigos/artigo14.html>> Acessado em 01 out. 2005.

¹⁷ RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o declínio inevitável do nível de emprego e redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1996.

empresas extratoras de sal, a máquina tornou-se o principal instrumento dentro das indústrias.

Além de servir para aumentar a produção e os lucros, o processo de modernização e a mudança do controle financeiro das grandes salinas também serviu para desenvolver o desemprego na região, numa proporção jamais vista no município.

De acordo com dados de censos do IBGE, encontrados, num relatório do SEBRAE, a população de Macau diminuiu após a implantação do processo modernizador empregado nas salinas daquele município. O censo de 1970 mostrava que a população urbana, somada com a população rural, era igual a 25.800 habitantes. No censo seguinte, em 1980, a população, havia diminuído em mais de mil habitantes: eram agora apenas 24.059 habitantes.¹⁸ O que teria acontecido? Que catástrofe teria assolado aquela população? Era simplesmente o puro reflexo da substituição de homens por máquinas. Para fugir, não sei se conseguiram, muitos migraram para as mais diversas regiões do país. Alguns procuraram o Norte do país, e a enorme maioria procurou uma vida mais próspera no Sudeste do Brasil, principalmente na cidade de São Paulo.

2.3.3 - Os paliativos

O governo estadual tentou amenizar o sofrimento dos antigos trabalhadores das salinas, valendo-se de duas alternativas. Sofrimento este, gerado pelo que, ainda hoje se chama, desenvolvimento do modo capitalista de produção.

Devido à crise generalizada que se abateu sobre o setor salineiro o governo criou um projeto de colonização que ficou conhecido como Projeto Serra do Mel.

¹⁸ Diagnóstico e plano estratégico de desenvolvimento do município de Macau/RN – SEBRAE/RN – PRODER, 1999.

Além deste projeto o governo tentou organizar em cooperativas as pequenas empresas que ainda restavam, sobretudo em Macau.

O Projeto Serra do Mel foi implantado em 1972, durante o governo de Cortez Pereira. Tal projeto consistia em 22 vilas rurais num total de 1.260 lotes individuais, cada um com 50 hectares.¹⁹ Estas terras foram distribuídas entre os antigos trabalhadores das salinas para que os mesmos trabalhassem na agricultura. Este projeto atendeu basicamente aos trabalhadores que moravam fora do município de Macau. Os que resolveram ficar dedicaram-se, basicamente, à pesca.

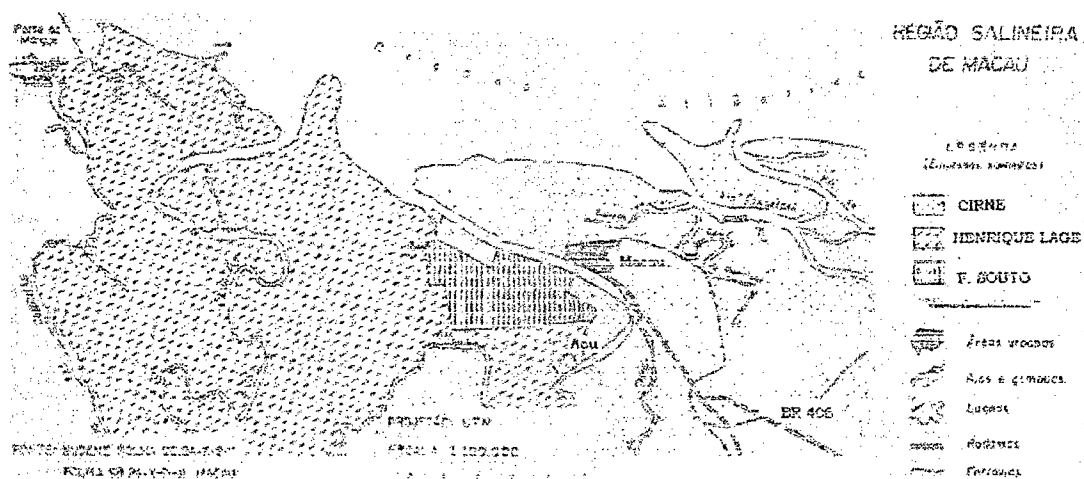
Esse projeto de vilas rurais encontra-se hoje bem desenvolvido. As antigas vilas formaram, em 1988, o município de Serra do Mel, cuja principal atividade é a produção agrícola. O município é hoje um dos principais produtores e exportadores de castanha de caju.

Macau, como já foi dito, é uma ilha e como tal está cercada por águas. Seu litoral é rico em peixes e frutos do mar. Esta seria, portanto, uma alternativa natural para seus moradores. Mas até o direito de explorar mais esta riqueza natural, tentaram retirar de seus moradores. A antiga CIRNE, do grupo holandês, fechou vários acessos a excelentes pontos de pesca. Vigias ficavam protegendo o patrimônio da empresa, inclusive o mar, e não permitiam que nenhuma pessoa que não tivesse a permissão da direção da empresa poderia pescar no local. Privatizando indevidamente até o mar, pra não falar das terras da União que foram incorporadas ao longo dos anos, ao capital ativo das empresas salineiras.

Eu não poderia deixar de abrir este parêntese. Não é segredo pra ninguém na cidade que principalmente a CIRNE e a Henrique Lage se apossaram de terras do Estado e devastaram boa parte das áreas de manguezais do município. De acordo com o presidente do extinto sindicato salineiro da cidade, as empresas encarregavam pessoas para entrar, de mato a dentro, e demarcar os arredores da cidade como se as terras demarcadas fossem, a partir daquele

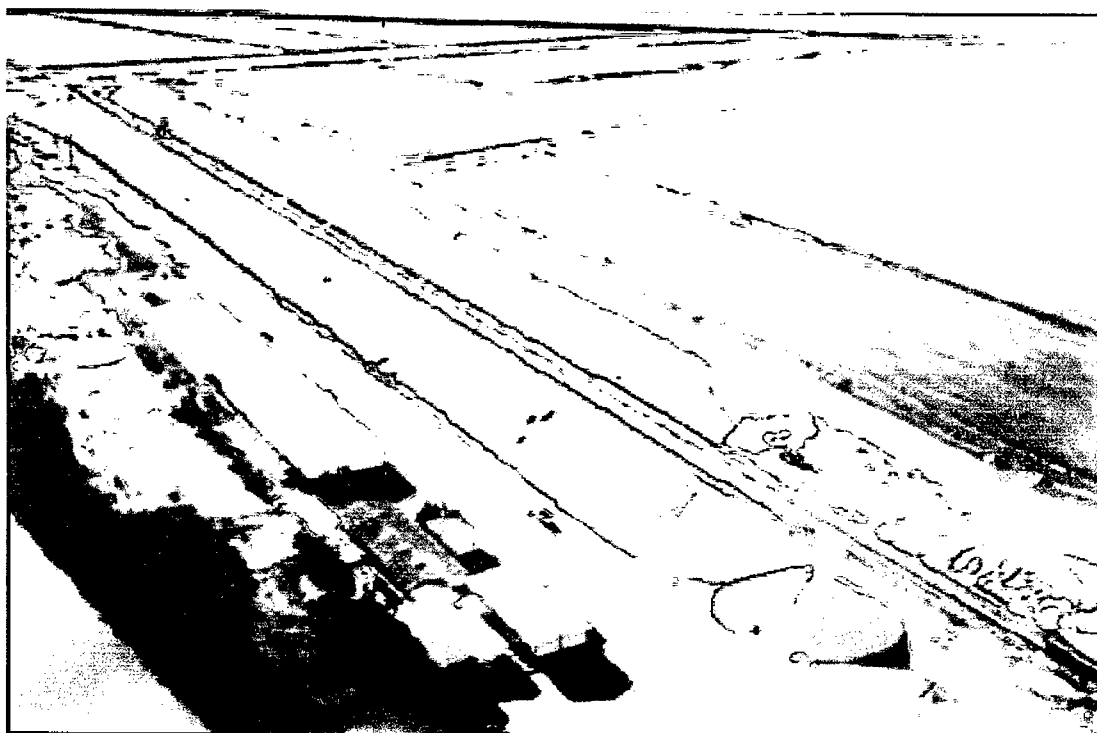
¹⁹ **A experiência do PCPR no Rio Grande do Norte.** Disponível em: <<http://www.ica.org.br>> Acessado em 02 dez. 2005.

momento, propriedades privadas. O fato é que hoje todo o arredor da cidade pertence a uma ou a outra empresa. Não sei como eles ainda não reivindicaram a própria cidade de Macau, como sendo propriedade de alguma delas. O mapa a seguir ilustra bem o que afirmo.

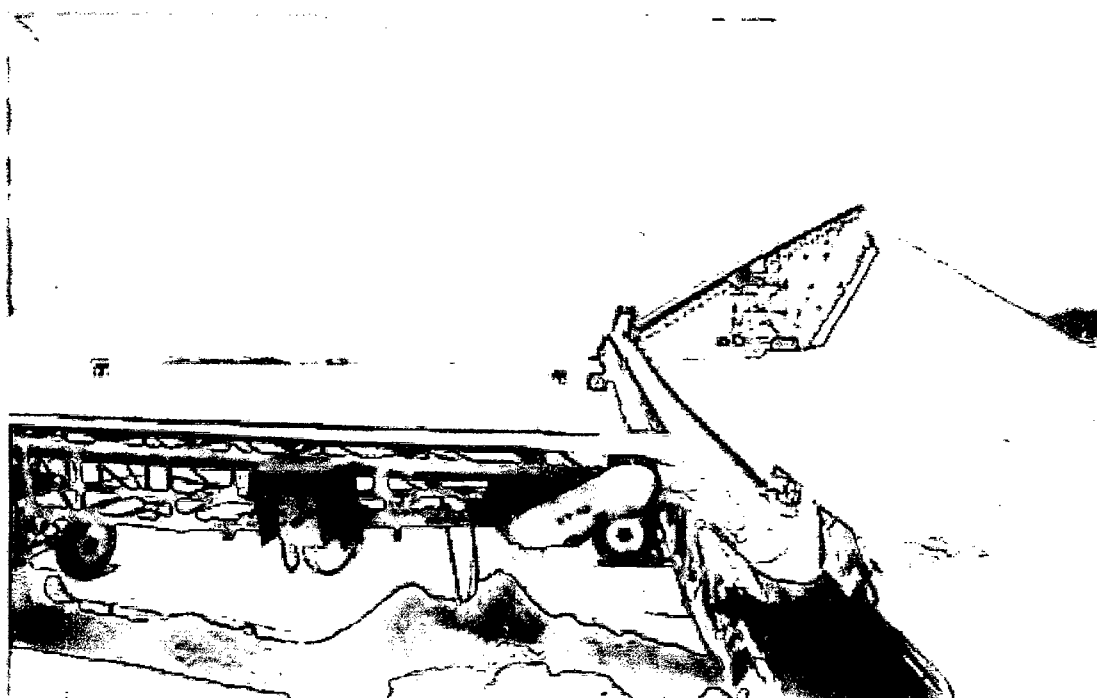


Restava então aos trabalhadores se aventurarem em alto mar, mas nem isso eles podiam explorar, pois lhes faltavam recursos. Como se sabe, para fazer da pesca um trabalho rentável, faz-se necessário a aquisição de barcos e materiais de pesca. E estes recursos não estavam ao alcance dos ex-trabalhadores das salinas.

Outra tentativa do governo para amenizar os efeitos provocados pela modernização do setor salineiro foi a implantação de cooperativas para as salinas que conseguiram sobreviver. A cooperativa seria composta por médios e pequenos produtores de sal, entretanto a idéia não chegou nem a sair do papel. Graças à reclamação generalizada das multinacionais, do setor, e a conivência do governo estadual e municipal o projeto foi boicotado. Assim como muitas outras boas idéias neste país.



Capítulo III – A atual situação da indústria Salineira



3.1 - As empresas restantes

Atualmente, em Macau, restam poucas salinas. Das mais de quarenta que existiam no começo da década de 1970 (antes do processo de mecanização) sobraram apenas três indústrias de beneficiamento do sal: a Salinor Salineira do Nordeste S/A (antiga CIRNE, ALCALIS), que é a maior salina em operação no Brasil, a Henrique Lage Salineira do Nordeste S/A, e a empresa F. Souto Indústria, Comércio e Navegação S/A. Destas, a que se encontra em melhores condições é, sem dúvidas, a Salinor.

A Salinor durante muito tempo pertenceu a um grupo holandês, mas desde o início da década de noventa pertence a empresários nacionais. Ela produz cerca de 40% do sal brasileiro e por isso ocupa o primeiro lugar na produção nacional de sal marinho. A empresa dispõe hoje de 480 funcionários na unidade de Macau, este número já foi maior, em torno de 3.000 funcionários na época da colheita. Ela possui três grandes unidades: uma em Macau e duas em Mossoró e trabalha com o sal grosso, o moído e o refinado. Aliás, é a única que, no momento, dispõe de uma refinaria, em Macau, e, conseqüentemente, produz o sal refinado.

A empresa Henrique Lage, desde sua criação, pertence a um grupo italiano, o Nora Lage. É a segunda maior indústria do ramo, produzindo 20% do sal nacional. A empresa que atualmente conta com 205 funcionários, já possuiu mais de 500 em seu quadro. Até pouco tempo atrás a Henrique Lage dispunha de uma refinaria, entretanto, no início desta década ela foi fechada devido à forte crise financeira pela quais as empresas do setor passaram. M razão disso, produz apenas o sal grosso e o moído.

A empresa F. Souto, cujo capital é predominantemente norte-riograndense, possui três unidades: uma em Mossoró, outra em Areia Branca e mais uma em Macau. Esta, por sua vez, é a menor dentre as três. De acordo com o gerente comercial da empresa, Antônio Veras, a salina de Macau está passando por "melhoramentos em sua estrutura" e não está apresentando uma

produção expressiva. ²⁰ Na salina de Macau a empresa produz apenas o sal grosso e o moído, embora ela conte com uma refinaria, localizada em Mossoró.

O número reduzido de salinas reflete bem a crise pela qual o setor vem passando ao longo das últimas décadas.

3.1.1 – A produção

O solo e o clima sempre foram generosos com as empresas que exploram o sal no Rio Grande do Norte. Como já vimos em relatos anteriores, desde o século XVI já se tinha notícia de que estas terras produziam naturalmente milhares de quilos de sal. Com o advento da mecanização no setor, a partir da década de 1970, a produção só aumentou. Os grandes investimentos financeiros em máquinas e na contratação de inúmeros funcionários para trabalhar no setor foram responsáveis pela elevação dos índices de produção ao longo dos anos.

Na década de 1960, produzia-se, no Rio Grande do Norte, cerca de 584.000 toneladas de sal, por ano. No início da década de 1970, a capacidade de produção já havia quase duplicado, eram produzidas cerca de 1.095.000 (um milhão e noventa e cinco mil) toneladas. Em 1980, em apenas dez anos, a capacidade produtiva das indústrias macauenses já era mais que o dobro da década anterior, 2.546.000 (dois milhões quinhentas e quarenta e seis) mil toneladas.

Veio à década de 1990 e a produção salineira não parava de crescer. Produzia-se mais de 3.500.000 (três milhões e quinhentas) mil toneladas. ²¹

²⁰ Safra de sal este ano terá perda de um milhão de toneladas. Disponível em: <http://www.serhid.rn.gov.br/detalhe.asp?IdPublicacao=2598> Acessado em 16 jul. 2005.

²¹ ANDRADE, Manuel Correia de. **O território do sal**. CCHLA, UFRN, NATAL, 1995.

Em 1998 já produzíamos mais de cinco milhões de toneladas, que representava aproximadamente 95% da produção brasileira.²²

A prosperidade aparente do setor declinou gradativamente a partir do início desta década. A produção que outrora só crescia começou a apresentar um declínio mais acentuado. O setor passava por uma retração, pois o que se produzia em grande quantidade não era consumido na mesma proporção. E hoje a indústria salineira amarga uma das piores crises desde a implantação deste tipo de indústria no Rio Grande do Norte.

O Brasil produz hoje mais de 5 milhões de toneladas de sal marinho por ano. Esta quantidade é suficiente para atender a demanda nacional e ainda sobra muito sal para ser exportado, caso haja mercado. Apesar da grande quantidade de sal que é produzido em nosso território, *“O Brasil é o 9º maior produtor mundial de sal, produzindo apenas 3,1% do sal mundial”*.²³ A tabela abaixo demonstra os maiores produtores mundiais do produto.

Discriminação Países	Reserva * (105 t)		Produção * (102 t)		
	2004(m)	%	2003(m)	2004(m)	%
Brasil			5.566	6.551	3,1
Alemanha			15.700	16.000	7,4
Austrália			9.800	10.000	4,6
Canadá			13.300	13.300	6,2
China			32.400	34.000	15,8
EUAS			43.700	45.100	21,0
França			7.000	7.000	3,3
Índia			15.000	16.000	7,0
Itália			3.600	3.600	1,7
México			8.000	8.000	3,7
Rússia			2.600	3.000	1,4
Espanha			3.200	3.200	1,5
Reino Unido			5.600	5.600	2,7
Outros			43.134	44.349	20,6
TOTAL			216.000	215.000	100,0

Fonte: SENAI - CIBEL ALEGAL, CIBEL/SIN/MINAG/COMPANHIA SODALIDADE 2002.

²² FERNANDES, Moacir Saraiva. **Plano de apoio ao desenvolvimento da cadeia produtiva do sal** – Termo de Referência Versão VIII – Para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Rio Grande do Norte - SENAI/RN - JULHO 1999.

²³ FERNANDES, Moacir Saraiva. **Plano de apoio ao desenvolvimento da cadeia produtiva do sal**, 1999.

De acordo com estes dados, o Brasil ocupa apenas o nono lugar entre os maiores produtores. Observe-se que nos dados acima está incluído não só o sal marinho, mas também o sal-gema, cuja produção brasileira é infinitamente inferior a de seus concorrentes.

De acordo com a IBRASAL, *“a capacidade instalada de produção, das indústrias do Rio Grande do Norte em 2004 foi de 4.813 milhões de toneladas por ano, isto equivale a 95% da produção nacional.”*²⁴

No que diz respeito à produção nacional, a participação dos estados produtores é bastante desigual, como mostra a tabela abaixo.

LOCALIDADES	ANO						
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
RIO GRANDE DO NORTE	5.108.190	4.378.042	4.435.515	4.166.143	4.680.912	4.737.787	4.813.418
RIO DE JANEIRO	105.000	60.000	95.000	90.000	105.000	350.000	309.550
CEARÁ	90.000	60.000	65.000	75.000	30.000	56.000	68.000
PIAUÍ	40.000	30.000	30.000	30.000	20.000	20.000	15.000
TOTAIS	5.333.190	4.528.042	4.625.515	4.361.143	4.835.912	5.143.787	5.205.968

Fonte: SIESAL/RN

Comparada com a produção salineira do Rio Grande do Norte, a dos demais estados é muito inferior. Pelo fato de ser o maior produtor, o Rio Grande do Norte, através de sua governadora, vem pressionando o governo federal para que o mesmo barre a tentativa da Petrobras de explorar uma grande jazida de sal-gema, recém localizada no Espírito Santo. No último mês de março a Petrobras anunciou suas pretensões de explorá-la.

No que diz respeito à produção no Rio Grande do Norte, a tabela abaixo mostra a participação dos principais municípios produtores do estado.

²⁴ Diagnóstico e Plano estratégico de desenvolvimento do município de Macau/RN - SEBRAE/RN - PRODER 1999.

LOCALIDADES	A N O						
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Mossoró	1.730.066	1.240.762	1.278.132	1.456.368	1.685.134	1.589.886	1.625.600
Grossos	320.259	246.003	179.253	292.416	356.025	291.020	250.314
Areia Branca	705.974	676.000	704.000	689.249	577.057	527.350	617.000
Macau	1.858.800	1.659.277	1.744.130	1.208.110	1.644.128	1.926.679	1.977.877
Guzmaré	11.000	3.000	-	-	-	-	-
Galinhos	482.091	553.000	530.000	520.000	398.570	402.852	344.627

Fonte: SIESAL/RN

Ao observar a participação dos municípios produtores, vemos Macau como o principal produtor do estado e, conseqüentemente, brasileiro, seguido de perto pela cidade de Mossoró. Ao longo dos anos estes dois municípios se revezaram na primazia da produção estadual.

A produção macauense, com 1.977 mil toneladas, representa cerca de 41% da produção do estado. Destes quase dois milhões de toneladas, a Salinor é responsável por mais de 50% da produção. A empresa Henrique Lage produz mais de 40%, e a F. Souto produz menos de 10% do sal macauense. Devido ao imenso sigilo com que estes dados são tratados não se tem acesso aos valores reais destas empresas; as informações são de valores aproximados. Apenas os dados referentes à empresa F. Souto foram obtidos no site do DNPM.²⁵

3.1.2 - O mercado

O sal é produzido em grande quantidade, não só no Brasil, mas também em vários países. Quanto aos aspectos do comércio internacional, o país concomitantemente tem exportado e importado sal sob vários tipos e formas. As exportações de sal significativas são de sal marinho a granel, que representa cerca de 94% do sal comercializado pelo Brasil. As exportações destinaram-se principalmente para a Nigéria e para os Estados Unidos. (SILVA, Sérgio).

De acordo com SILVA (2001, p. 85), do total da produção salineira do Rio Grande do Norte, atualmente em torno de 4 milhões e 800 mil toneladas, cerca

²⁵ DNPM. Sal marinho. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>> Acessado em 03 de nov. 2005.

de 200 mil toneladas são destinadas para exportação. Juntamente com petróleo, carvão, enxofre e calcário, o sal é uma das cinco matérias-primas básicas que condicionam direta ou indiretamente quase toda a moderna indústria química.²⁶

3.1.2.1 – O mercado interno

O Rio Grande do Norte voltou a produzir muito sal, entretanto o consumo não acompanha o ritmo acelerado da produção salineira. A saída mais viável e natural para acabar ou pelo menos diminuir os estoques seria exportar a produção excedente.

Praticamente toda a produção norte-rio-grandense é exportada para outros estados e outros países.

Internamente a produção é enviada principalmente para os estados do Sul e Sudeste do país. Dentre eles destacam-se os estados de São Paulo, Rio de Janeiro Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Diversos setores da economia utilizam o nosso sal. No ano passado, segundo o DNPM, a indústria química absorveu cerca de 1.009 mil toneladas (21,1%), com o segmento soda/cloro representando cerca de 65,3% do consumo deste setor (659 mil toneladas), ficando o segmento da barrilha (produto químico básico para muitas indústrias, sendo essencial na produção de vidros e detergentes) com os 34,7% restantes (350 mil toneladas). O consumo humano e animal, por aproximação, respondeu por cerca de 29,2% (1.400 mil toneladas), e os demais setores - frigoríficos, curtumes, charqueadas, indústrias têxtil e farmacêutica, prospecção de petróleo, tratamento de água - responderam pelos 49,7%, restantes, o equivalente a 2.382 mil toneladas.²⁷

²⁶SILVA, Sérgio L. Pedrosa. **Uma análise da indústria salineira do Rio Grande do Norte** - baseada no modelo de estratégia competitiva de PORTER. 2001.158f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

²⁷ DNPM. **Sal marinho**. Disponível em:

<<http://www.dnpm.gov.br/portal/assets/galeriaDocumento/SumarioMineral2005>> Acessado em 05 nov. 2005.

Ainda de acordo com o DNPM, o consumo interno embora tenha aumentado, isto aconteceu de forma muito lenta. Em 2003, o Brasil produziu cerca de 6.566.000 (Seis milhões quinhentas e sessenta e seis mil) toneladas. Destas o mercado interno consumiu apenas 4.575.000 (Quatro milhões e quinhentas e setenta e cinco mil) toneladas. Em 2004 houve um novo aumento no consumo, que passou para, aproximadamente, 4.728.000 (Quatro milhões setecentas e vinte e oito mil) toneladas. Enquanto a produção atingiu os 6.650.000 (Seis milhões seiscentas e cinquenta mil) toneladas.

Apesar de o mercado interno demonstrar algumas altas no consumo, este não consegue acompanhar o ritmo acelerado da produção. Isso invariavelmente resulta na abundância do produto no mercado, forçando o valor do mesmo para baixo.

3.1.2.2 - As exportações

As exportações de sal marinho vêm sofrendo quedas consecutivas nos últimos três anos, segundo dados do DNPM. Em 2003, O Rio Grande do Norte exportou cerca de 571.000 (Quinhentas e setenta e uma mil) toneladas. Enquanto que em 2004, exportamos apenas 487.000 (Quatrocentas e oitenta e sete mil) toneladas. Isto representa uma diminuição de 14,8% no volume exportado. Os principais mercados importadores de nosso sal são a Nigéria que importa cerca de 61% de nossa produção. Os Estados Unidos com 24%, a Bélgica e a Dinamarca com 4%, Camarões com 3% e os demais importam os outros 4%.²⁸

Não obstante os efeitos da diminuição das exportações, é o mercado interno que garante a sobrevivência da indústria, haja vista que menos de 25% da produção é exportada. Entretanto o setor necessitaria exportar bem mais para que parte da produção que não é consumida no país tivesse vasão e deixasse de superlotar as salinas potiguares.

²⁸ DNPM. Sal marinho. Disponível em:

<<http://www.dnpm.gov.br/portal/assets/galeriaDocumento/SumarioMineral2005>> Acessado em 05 nov. 2005.

3.2 - Dificuldades atuais da indústria salineira

As dificuldades financeiras, sem dúvidas, atingem vários setores da economia brasileira e mundial, e o setor salineiro certamente as enfrenta.

Inicialmente percebe-se uma descapitalização generalizada das empresas do ramo. “Sob o ponto de vista institucional a Henrique Lage, entende que o setor é visto com certas restrições pelas instituições de crédito, devido o elevado índice de inadimplência dos negócios do sal...”²⁹ (SILVA, p.147). Os empresários do setor estão descapitalizadas e muitos passam por sérias dificuldades financeiras e enormes dívidas junto ao fisco local e federal.

São muitas as dificuldades enfrentadas pelas empresas que beneficiam o sal no município de Macau.

3.2.1 - O clima

Em abril de 2004, a *Tribuna do Norte* noticiou os prejuízos da indústria salineira naquele ano. As perdas chegariam a 1 milhão de toneladas.³⁰ O clima foi determinante para tal prejuízo. O clima local, que tanto beneficia a indústria salineira, vez por outra, acaba interferindo de forma negativa no processo produtivo. Quando o inverno se estende para além do esperado, o resultado é prejuízo certo para o setor. Com o clima chuvoso a indústria não produz, ou melhor, produz pouco, e as conseqüências acabam por prejudicar ainda mais o já cambaleante setor. A Salinor anunciou, na mesma reportagem, que reduziria sua produção em 400 (quatrocentas) mil toneladas. O *Diário de Natal*, em dezembro do mesmo ano, estampou em suas páginas os prejuízos que as empresas sofreram naquele ano. O inverno intenso “com as chuvas que caem no estado, à queda da produção já chega a 30% e pode ser ainda maior este

²⁹ SILVA, Sérgio Luiz Pedrosa. **Uma análise da indústria salineira do Rio Grande do Norte baseada no modelo de estratégia competitiva de Porter**, 2001.

³⁰ CADERNO DE ECONOMIA. **Safra de sal este ano terá perda de 1 milhão de toneladas**. *Tribuna do Norte*, Natal, 20 de abril de 2004.

ano".³¹ Se o problema fosse só este, o setor logo se recuperaria, haja vista que o inverno em nosso estado não costuma ser tão rigoroso. Mas há muitos outros.

3.2.2 - Excesso de Produção

O elevado estoque ajuda a pressionar para baixo o preço do produto. Como a produção só aumenta e os estoques estão cada vez maiores, vale a lei da oferta e da procura. Como o produto existe em grande quantidade, vende mais quem oferecer um preço mais atrativo. E isso muitas vezes acaba por prejudicar o setor.

Numa entrevista concedida ao jornal *Diário de Natal* em dezembro de 1997, o empresário do setor salineiro, Francisco Ferreira Souto, afirmou que o baixo preço alcançado pelo sal, tanto no mercado interno quanto no externo, era causado pelo excesso de sal disponível. Na mesma reportagem outro dado muito relevante é destacado pelo diretor da SIMORSAL, Renato Fernandes: "das mais de 4 milhões de toneladas produzidas anualmente, apenas 3 milhões são consumidas no mesmo período".³² Vê-se, portanto, que o diagnóstico elaborado pelo empresário tem muito fundamento: produz-se em demasia, enquanto o consumo não acompanha o ritmo da produção. Além do mais, o desequilíbrio e a desorganização comercial do setor vêm provocando uma situação em que a oferta supera a demanda, o que acarreta uma concorrência predatória, motivada pelas pressões de sobrevivência dos negócios, acima de tudo.

3.2.3 - Baixo valor do produto

O sal, como se sabe, tem um baixo valor agregado e por isso não consegue alcançar preços mais elevados nos mercados internos e externos.

³¹ CARVALHO, Edwin. **Podê faitar sal em todo o país**. *Diário de Natal*. Natal, 12 de fevereiro de 2004, p.6.

³² SKARLACK. **Sobra sal e falta dinheiro**. *Diário de Natal*. Natal, 12 de janeiro de 1997, p.30.

De acordo com dados divulgados na *Tribuna do Norte* o valor do sal a granel é de apenas R\$ 30,00 por tonelada.³³ Valor que de acordo com os produtores mal cobrem os custos. 25 kg do sal moído ou grosso custam R\$ 2,00. A mesma quantidade do sal refinado é vendida a R\$ 3,10. A SIESAL adverte que são inúmeras as oscilações no valor do produto e que estas são estipuladas pelo mercado internacional.

As empresas do setor apresentam, já há alguns anos, balanços negativos e praticam preços incompatíveis com os custos,³⁴ como posteriormente abordarei, de forma mais detalhada.

Segundo a reportagem *A montanha de sal*,³⁵ publicada no jornal, a Henrique Lage só colhia o que estava na eminência de ser vendido. Entretanto na visita que fiz a mesma no início de novembro do ano corrente, pude constatar que a empresa mantém algumas montanhas de sal no estoque.

3.2.4 - Transporte

O sistema de transporte é um dos principais encarecedores do preço final do produto. São elevados os encargos pagos para transportar o sal da salina ao porto e de lá para os grandes centros nacionais e para alguns países. Entre "...a salina e o mercado consumidor o sal percorre um longo e caro caminho".³⁶ O escoamento da produção é feito, via de regra, ou por via rodoviária ou marítima. No primeiro caso o transporte é feito por carretas que vão até a salina e levam o sal direto para os centros consumidores. No segundo caso o sal é retirado da salinas através de barcaças. Vale lembrar que as três maiores salinas do município contam com um pequeno porto. As barcaças, devido ao seu tamanho

³³ FELIPE, Luís Antônio. **Trimestre de boas notícias**. Tribuna do Norte. Natal, 04 de janeiro de 2005. Disponível em: <
<http://www.tribunadonorte.com.br/anteriores/2005/04/01/colunas/negocios.html>>.
Acessado em 07 de nov. 2005.

³⁴ FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO NORTE. **A Questão Salineira**. FIERN/RN, 2001.

³⁵ REGINA, Barros. **A terra das montanhas de sal**. O Poti. Natal, 07 de julho de 1996.

³⁶ *Ibidem*.

reduzido em relação aos grandes navios, conseguem navegar em águas em estes jamais entrariam, devido à baixa profundidade do mar local, e assim escoar a produção salineira. As barcaças levam o sal até o terminal salineiro de Areia Branca, de onde é transportado para os mais diversos mercados.

Os custos decorrentes desta estrutura de escoamento representam um ônus que em geral empresas estrangeiras não têm. Para se ter uma idéia, "...o sal do RN paga 6,94 dólares por milha percorrida, enquanto o sal chileno paga 2,97 dólares..."³⁷ Isto acaba por baratear o sal vindo de fora e prejudica a entrada do sal potiguar nos grandes mercados consumidores do país. Mas tal diferença não gerou a perda da competitividade do sal potiguar porque o mesmo "...era compensado pela existência do Adicional de Tarifa Portuária (ATP), e pelo imposto de importação (ii), que incidiam sobre o sal importado. O ATP tinha sua alíquota fixada em 50%, mas foi reduzido para 20%, e em caso de acordos bilaterais ele é eliminado. Já o imposto de importação (ii) que era de 55%, caiu para 5% e depois para zero...".³⁸ Hoje, após acordos firmados entre Brasil e Chile, em 1996, não incide nenhuma alíquota sobre o sal oriundo do Chile. Isto gerou, e ainda gera um enorme prejuízo às empresas norte-riograndenses.

De acordo com Renato Fernandes, Diretor da SIMORSAL, em uma reportagem da *Tribuna do Norte* em julho último, o sal potiguar sai do terminal salineiro custando R\$ 22,00. Neste valor já estão inclusos o custo da produção, o transporte da salina para o porto-ilha, a taxa de operação do porto, o ICMS e o PIS. Mas o preço final do produto encarece mesmo é no frete até o porto de Santos. Este fica em torno de R\$ 48,00. O custo do sal é 21% do valor final,

³⁷ FERNANDES, Moacir Saraiva. **Plano de Apoio ao Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Sal** – Termo de Referência Versão VIII – Para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Rio Grande do Norte - SENAI/RN - JULHO 1999.

³⁸ *Ibidem*.

algo em torno de R\$ 15,00. Esses valores são referentes à tonelada do sal a granel.³⁹

Fazendo simples cálculos, vemos que a tonelada do sal potiguar chega ao grande centro consumidor do país, São Paulo, custando cerca de R\$ 70,00, enquanto o sal chileno custa naquele mercado, no máximo, R\$ 58,00.

3.2.5 - Falta de incentivos governamentais

Além do mais, são elevados os encargos fiscais que incidem sobre o sal norte-rio-grandense. No preço final do produto estão embutidos 4,05% só de impostos diretos (distribuídos entre o PIS, CPMF E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL) dentre outros tributos.⁴⁰

Por outro lado, conforme relatório da FIERN "...a indústria salineira do Rio Grande do Norte está com duplo prejuízo: a desvalorização da pauta tributária, que taxa o ICMS acima do preço de mercado do produto, além de que, desde a implantação do Real, o preço do sal teve uma redução de menos de 50%, permanecendo neste patamar até 2000."⁴¹

3.2.6 - Concorrência desleal

Não bastasse o aumento da produtividade e a diminuição das exportações, o sal potiguar ainda tem que enfrentar a concorrência do sal estrangeiro, sobretudo o chileno.

Segundo dados fornecidos pelo DNPM, em 2004 as importações de sal marinho cresceram cerca de 239,5% em relação ao ano anterior. Em 2003 a

³⁹ CADERNO DE ECONOMIA. **Produtores de sal querem barrar importação do Chile.** Tribuna do Norte. Natal, 22 de julho de 2005. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/>> Acessado em 03 nov. 2005.

⁴⁰ FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO NORTE. **A Questão Salineira.** FIERN/RN, 2001.

⁴¹ FIERN. **Forças restritivas.** Disponível em: <http://www.fiern.org.br/servicos/estudos/mossoro/cadeia_produtiva_sal3.htm> Acessado em 20 ago. 2005.

importação foi de apenas 2.476 toneladas. Enquanto que em 2004, importamos 8.407 toneladas. Em termos de valores as importações de sal, somaram cerca de US\$ 2.745.000 (Dois milhões setecentos e quarenta e cinco mil dólares).

Observa-se, então, como o sal estrangeiro, sobretudo o chileno, é beneficiado, em relação ao produzido no Brasil. Vimos que ele se beneficia do menor valor do frete, da isenção de impostos, graças aos acordos firmados no Mercosul entre o Brasil e o Chile, em 1996. para agravar a situação, a cada ano vem ocorrendo um aumento no volume das importações do sal chileno. “O motivo desse crescimento é o fato de o sal chileno ser produzido pela empresa (SPL) que também é proprietária da companhia de navegação do país. O produto é transportado para a indústria química paulista nos mesmos navios que levam para o Chile o ferro exportado pelo Brasil. Na vinda, os navios trazem o sal sem que seja pago frete. Assim, o preço da tonelada sai por R\$ 58,00”.⁴²

A conseqüência maléfica desta concorrência foi uma redução significativa nos preços do sal potiguar, que, desde a implantação do Plano Real, já perdeu mais de 50% do seu valor real.

Desta maneira não é difícil perceber a grande dificuldade enfrentada pelo setor. Este se restringe cada vez mais ao mercado interno que, por sua vez, está cada vez mais utilizando o sal importado.

3.3 - As perspectivas

Como ficou aqui demonstrado, Macau continua sendo o maior produtor de sal do Brasil. Produz-se muito sal, entretanto o consumo há muito deixou de acompanhar os constantes aumentos da produção. O mercado externo, que poderia absorver a produção excedente, não se configura num mercado seguro para o sal macauense, pois o baixo preço do produto, não cobre, muitas vezes, o valor da produção. Além do mais, há ainda a concorrência com o sal de

⁴² CADERNO DE ECONOMIA. **Produtores de sal querem barrar importação do Chile.** Tribuna do Norte. Natal, 22 de julho de 2005. Disponível em: < <http://www.tribunadonorte.com.br/> > Acessado em 03 nov. 2005.

outros países que conseguem produzi-lo com menores custos, podendo assim revendê-lo a um valor mais baixo que o praticado pelas empresas norte-riograndenses.

Numa breve análise do panorama das empresas locais, identifica-se, facilmente uma inexplicável falta de apoio dos órgãos governamentais a este importante segmento da economia do Rio Grande do Norte.

De acordo com uma reportagem exibida no último mês de julho, observa-se que os produtores de sal do estado pretendem iniciar uma campanha para acabar com a concorrência desleal que o setor vem enfrentando, desde 1996, com o sal chileno. Segundo os produtores, apesar de o sal chileno possuir uma qualidade inferior ao produzido no estado, chegar ao país por um preço menor que o produzido pelo Rio Grande do Norte. Graças à redução no frete e aos benefícios fiscais que lhes são concedidos pelo governo brasileiro, a importação do sal chileno vem aumentando ano a ano, prejudicando cada vez mais as já cambaleantes empresas salineiras do estado.⁴³

Fala-se na criação de uma "APL do Sal", ou Arranjo Produtivo Local, que consistiria numa série de medidas governamentais, visando melhorias para o setor salineiro potiguar. O objetivo dos produtores é mobilizar a classe política do estado, para que as mesmas revejam, dentre outras coisas, as regras de importação do produto chileno, que atualmente encontra-se isento de tributos.

Além da criação da APL, outros projetos estão em andamento, com o intuito de revitalizar a economia salineira. De acordo com o relatório do ano passado, apresentado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, o DNPM, a CODERN já dispunha de recursos federais para melhorias no terminal salineiro de Areia Branca, a Termisa, outra reivindicação antiga dos proprietários das salinas.⁴⁴

⁴³ CADERNO DE ECONOMIA. **Produtores de sal querem barrar importação do Chile**. Tribuna do Norte. Natal, 22 de julho de 2005. Disponível em: < <http://www.tribunadonorte.com.br/> >

⁴⁴ **Setor salineiro**. Disponível em:

<<http://www.dnprm.gov.br/portal/assets/galeriaDocumento/boletiminformativo/bi08.pdf>>
Acessado em 21 out. 2005.

Através de dados concretos, as empresas do setor vêm pressionando o governo estadual para que o mesmo promova as mudanças de que o setor tanto necessita. Baseados em dados da própria SET – Secretária de Estado de Tributação, referentes ao ano de 2003 (os resultados do ano passado ainda não foram divulgados), nove empresas do setor salineiro foram classificadas na seleta lista das duzentas maiores contribuintes do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços, o (ICMS). Juntas elas recolheram para os cofres estaduais R\$ 13.540.538,47 em ICMS, de acordo com a reportagem apresentada pelo jornal DeFato.⁴⁵

Outra antiga reivindicação dos produtores de sal do Rio Grande do Norte diz respeito ao custo do transporte. Como já foi mostrado neste trabalho, o frete pago pelas empresas nacionais custa tanto quanto a produção do mesmo, o que muitas vezes inviabiliza a venda do sal potiguar para regiões mais distantes do país. Uma alternativa viável seria a utilização do transporte ferroviário no escoamento da produção, mas creio que isso não seja mais possível graças ao empenho do governo federal, estadual e municipal em sucatear o sistema ferroviário.

Os produtores macauenses reclamam, há tempos, do excessivo frete que incide sobre o sal daquela cidade. Após a construção da Termisa, as empresas macauenses foram as mais prejudicadas. Apesar de ser o maior produtor de sal do Brasil, o porto foi construído em Areia Branca, o que encareceu bastante o frete. Para sair de Macau, o sal percorre uma distância duas vezes maior que a percorrida pelas empresas concorrentes de Mossoró. O que invariavelmente acaba por onerar ainda mais o preço do sal.

Os encargos fiscais que incidem sobre o valor final do produto constituem em outro ponto de atrito entre os produtores e o governo estadual. Os impostos cobrados pelo Estado encarecem o valor final do produto em mais de 4%, o que não é muito. Entretanto, quando somados aos demais custos que estão atrelados ao valor final do produto, esse percentual pesa consideravelmente.

⁴⁵ **ICMS fortalece a indústria salineira.** Disponível em: < http://www.defato.com/06_06_2003/mossoro.htm > Acessado em 25 ago. 2005.

Os índices de empregabilidade, também, são utilizados pelos empresários do setor para pressionar o governo do estado. De acordo com uma entrevista dada, pelo presidente da SIMORSAL, Renato Fernandes, o setor emprega cerca de 15 mil trabalhadores.⁴⁶

Por fim resta tratar da produção da barrilha naquele município. Há tempos ouço falar que uma empresa para o beneficiamento da barrilha entrará em funcionamento naquele município, mas até hoje, nada. Vejamos o que aconteceu: desde pequeno ouço falar nesta tal fábrica de barrilha. A barrilha serve de base, para inúmeros produtos da Indústria Química.⁴⁷ Além desta fábrica, cuja conclusão não ocorreu até hoje, está prevista a construção de várias outras com o intuito de produzir soda cáustica, potassa, PVC, magnésio metálico, brometos, óleo diesel, GLP e gasolina automotiva, todas matérias-primas que se encontram na região de Macau.⁴⁸ Estas indústrias fariam parte um grande sonho daquela região, o projeto do Pólo Gás-Sal. E produziram em grande quantidade a um custo muito baixo todos aqueles produtos. Sem dúvida alguma traria inúmeros benefícios para aquela região que já foi tão duramente castigada pela ganância de alguns poucos forasteiros, contando claro, com a conivência de vários governantes.

De acordo com SILVA (2001, p.150) a implantação da fábrica de barrilha cujo sal se constitui numa matéria prima indispensável, acarretaria num aumento do consumo equivalente a 400.000 toneladas de sal por ano.⁴⁹ Segundo o mesmo autor, as projeções indicam que o setor químico continuará

⁴⁶ ALVES, Cezar. **Dilma cancela exploração de sal-gema.** Diário de Natal. Natal, 24 de novembro de 2005. Disponível em: <<http://diariodenatal.dnonline.com.br/materia.php?idsec=5&idmat=127462>>. Acessado em 11 set. 2005.

⁴⁷ **Plano diretor de implantação do pólo Gás-Sal. Sumário Executivo.** Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte – FIERN/RN, Natal, 1998.

⁴⁸ **Apresentação.** Disponível em: <<http://www.pologassal.rn.gov.br/apresentacao.htm>> Acessado em 12 out. 2005.

⁴⁹ SILVA, Sérgio L. Pedrosa. **Uma análise da indústria salineira do Rio Grande do Norte** - baseada no modelo de estratégia competitiva de PORTER. 2001. 158f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

com uma demanda crescente, principalmente para a produção primária de cloro, tendência esta que vem sendo observada desde o início dos anos 90. Ele também aponta para um aumento na demanda do sal para suprir com mais matéria-prima setores como os frigoríficos, os curtumes, a indústria farmacêutica, a prospecção de petróleo e o tratamento de água.

Mas para que estas projeções se transformem em um crescimento real, a atuação do governo será de fundamental importância. Sem esta ajuda, dificilmente, o setor se reestruturará, vindo, ao contrário, a perder cada vez mais espaço para os produtos vindos de fora do país.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio Grande do Norte, assim como todo o Brasil, reúne uma série de condições e potenciais que se fossem melhor aproveitadas, certamente gerariam emprego e renda para a maior parte de sua população. Entretanto, ao que parece, isto não é o que mais importa, pois a classe dominante lucra muito mais, embora pareça ilógico, com o estado de pseudo-desenvolvimento, que com uma prosperidade econômica que seja mais igualitária.

Com Macau ocorre o mesmo, suas riquezas são inúmeras, entretanto poucos têm acesso os benefícios por elas gerados.

Sem que os próprios empresários do setor percebessem, o aclamado processo de mecanização das salinas deu início, paradoxalmente, ao seu próprio processo de falência. A produção aumentou, é verdade, mas seus índices de crescimento foram tão altos que já não há mercado consumidor. Por isso o setor atravessa, há muitos anos, um contínuo processo de falência.

As empresas cada vez mais descapitalizadas, o produto pouco valorizado interna e externamente, concorrência desleal com o sal chileno, alto custo do transporte e a inexistência de estímulos governamentais são as principais causas da atual situação do setor salineiro.

Entretanto tem-se ainda a esperança de revitalizar o setor. Para tanto os empresários fazem uma série de reivindicações junto ao governo estadual e federal. Defendem que é imprescindível, primeiramente, que ocorra a elevação da alíquota de importação do sal chileno, sobretudo para que o sal do Rio Grande do Norte possa atingir o Sul e o Sudeste com preços mais competitivos. Reclamam também da excessiva carga tributária que incide sobre o preço final do produto e dos altos valores do frete. Reconhecem que o sal não é o principal produto exportado, mas que ele consegue alavancar parte do setor de exportação do estado. Colocam que diante da importância da exportação do sal dentro da balança comercial do estado, o mesmo mereceria um melhor

tratamento por parte dos governantes. Caso contrário o setor salineiro continuará seguindo rumo à paralisação total da atividade.

Os empresários, donos das salinas, não conseguem entender o porquê do setor salineiro não receber uma maior atenção do governo estadual, já que empregam mais de 9.000 funcionários, segundo os próprios produtores.

Reclamações à parte, mantemos a sina de exportadores de matéria-prima e importadores de produtos manufaturados. Não sei por quanto tempo mais aceitaremos esta condição, espero que não por muito tempo, pois confio sinceramente que o dia o povo se acordará de seu profundo e duradouro sono.

Fica difícil imaginar que o setor salineiro voltará a viver tempos tão bons quanto aqueles vividos antes da década de 1970, quando Macau apresentava uma grande produção, aliada a uma mais igualitária distribuição da renda.

Embora ainda mantenha certa liderança sobre os municípios vizinhos, esta é hoje inferior a de outrora, graças à ínfima atuação dos políticos, legítimos representantes da população do município.

Macau não apresenta nem sombra do que já foi um dia, apesar da enorme receita do município, que supera em muito, percentualmente, a dos tempos em que o sal era conhecido como o "ouro branco". Mas a super receita já não provém do sal, e sim do petróleo (e esta é outra longa história). Os grandes casarões e as construções imponentes erguidos durante o período áureo do sal desapareceram. Ficaram presos em envelhecidas fotos e na lembrança de um povo saudoso e ansioso por dias melhores.

5 - BIBLIOGRAFIA

IMPRESSOS

ARBOCZ, Istvan Inre Lavsló. **Ensaio sobre a História econômica do Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN, 1984.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Território do sal: A exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no RN**. Natal: UFRN, 1995, 73p.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992, 354p.

CAVALCANTI, Sandra Lucia Barbosa. **Região salineira do RN**. Natal, 1984.

CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Héctor Pérez. **OS métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Ademir Araújo da. **Tecnologia e desemprego: o caso da região salineira de Macau/RN**. Natal: CCHLA/UFRN, 1993.

FELIPE, José Lacerda. **Elementos de geografia do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora Universitária, 1986.

FERNANDES, Geraldo de Margela. **O sal**. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

FERNANDES, Moacir Saraiva. **Plano de apoio ao desenvolvimento da cadeia produtiva do sal** – Termo de referência, Versão VIII. Para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Rio Grande do Norte – SENAI/Rio Grande do Norte, 1999.

GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista e agricultura**. São Paulo: Ática, 1995. 88p.

PAIVA FILHO, Francisco das C. **Uma análise da dualidade do mercado Produtor Salineiro do RN**. Natal: UFRN, 1987, 90p.

PINHEIRO, Aurélio Waldemiro. **Macau**. Rio de Janeiro: Presença – Fundação José Augusto, 1984, 155p.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: O declínio inevitável do nível de emprego e redução da força global de trabalho.** São Paulo: Makron Books, 1996, 348p.

SANTOS, Antônio Lemos dos. **A importância do Sal para o município de Macau no período de 1972-1992.** Natal, 1992.

SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte (do século XXI ao XX).** Natal: Clima, 1994.

SILVA, Sérgio L. Pedrosa. **Uma análise da indústria salineira do Rio Grande do Norte** - baseada no modelo de estratégia competitiva de PORTER. 2001.158f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

SOUSA, Itamar de. **O sal potiguar na República Velha.** (1889-1930). Revista Terra e Sal. Natal: Ed. Universitária - UFRN, v.3, n. 6, 1985.

Diagnóstico e Plano Estratégico de Desenvolvimento do Município de Macau/RN - SEBRAE/RN - PRODER 1999.

Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte. **Plano diretor de implantação do pólo gás-sal.** Resumo Executivo. Natal-RN, 1999.

Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte. **A questão salineira.** FIERN/RN, 2001.

SITES

<http://www.defato.com/06_06_2003/mossoro.htm> Acesso em 25 ago. 2005.

<<http://diariodenatal.dnonline.com.br/materia.php?idsec=5&idmat=127462>> Acesso em 11 set. 2005.

<<http://www.dnpm.gov.br>> Acesso em 03 de nov. 2005

<<http://www.dnpm.gov.br/portal/assets/galeriaDocumento/SumarioMineral2004>> Acesso em 05 de nov. 2005.

<<http://www.dnpm.gov.br/portal/assets/galeriaDocumento/SumarioMineral2005>> Acesso em 05 nov. 2005.

<<http://www.dnpm.gov.br/portal/assets/galeriaDocumento/boletim informativo/bi08.pdf>> Acesso em 21 out. 2005.

<http://www.economiabr.net/teoria_escolas/teoria_keynesiana.html> Acesso em 07 dez. 2005.

<http://www.fiern.org.br/servicos/estudos/mossoro/cadeia_produtiva_sal3.htm> Acesso em 20 ago. 2005.

<<http://www.figueira.net/museudosal/>> Acesso em 17 jul. 2005.

<<http://www.henriquelage.ind.br>> Acesso em 10 jul. 2005

<<http://www.iica.org.br>> Acesso em 02 dez. 2005

<<http://www.legnoart.it/ing7/cards/salt.html>> Acesso em 07 dez. 2005.

<<http://www.macau.com.br>> Acesso em 10 jul. 2005.

<<http://www.novosal.com.br/sobre.php>> Acesso em 08 dez. 2005.

<<http://www.pologassal.rn.gov.br/apresentacao.htm>> Acesso em 12 out. 2005.

<<http://www.salinor.com.br>> Acesso em 14 set. 2005.

<<http://www.serhid.rn.gov.br/detalhe.asp?IdPublicacao=2598>> Acesso em 16 jul. 2005.

<<http://www.solavanco.com/artigos/artigo14.html>> Acesso em 01 out. 2005.

< <http://www.tribunadonorte.com.br/> > Acesso em 03 nov. 2005.

<<http://www.tribunadonorte.com.br/anteriores/2005/04/01/colunas/negocios.html>> Acesso em 07 de nov. 2005.